



GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Israel ataca o Irã

Em retaliação ao disparo de 200 mísseis balísticos, em 1º de outubro, forças israelenses alvejaram instalações militares em Teerã e em outras cidades. Exército judeu fala em ataques de precisão. EUA negam envolvimento e apoiam “autodefesa”

» RODRIGO CRAVEIRO

A retaliação ocorreu 24 dias depois de o Irã lançar 200 mísseis balísticos contra Israel — a maioria deles foi interceptada pelo Domo de Ferro, o sistema de defesa israelense. Por volta das 2h30 de hoje (20h30 de ontem em Brasília), explosões foram ouvidas na capital iraniana, Teerã, e em outras cidades, como Karaj, Isfahan, Mashhad e Shahid. Uma segunda onda de bombardeios foi lançada cerca de uma hora depois e atingiu a cidade de Shiraz (centro-sul), segundo a rede de tevê Al-Jazeera.

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, e o ministro da Defesa, Yoav Gallant, coordenaram os ataques de um bunker construído no subsolo da base militar Kirya, em Tel Aviv. A agência de notícias semi-estatal iraniana Fars informou que “várias bases militares nas regiões oeste e sudoeste de Teerã foram alvejadas”.

O jornal *The Washington Post* citou uma fonte militar israelense, segundo a qual a retaliação se resumiria a uma noite e incluiria ativos militares. Israel descartou bombardear instalações petrolíferas e usinas nucleares ou prédios ligados ao programa de enriquecimento de urânio. Até o fechamento desta edição, não havia informação sobre o exato impacto da retaliação. À zero hora de hoje (hora de Brasília), as Forças de Defesa de Israel (IDF) comunicaram que os aviões “retornaram em segurança”. Segundo a nota, a aviação atacou instalações de fabricação de mísseis e lançadores de mísseis terra-ar.

A televisão estatal do Irã reportou pelo menos seis explosões no entorno da capital, mas não especificou a causa. “Seis fortes detonações, similares ao ruído de explosões, foram ouvidas em algumas áreas de Teerã”, declarou um apresentador da emissora. Por volta das 4h30 (hora local), jornalistas da agência France-Press relataram ter escutado novas detonações na capital. O Iraque fechou o seu espaço aéreo, sob a alegação de preocupação com a segurança.

Nas redes sociais, vídeos supostamente publicados por moradores de Teerã mostravam fogo traçante no céu e explosões iluminando o céu da capital, pouco antes do amanhecer.

Atta Kenare/AFP



Vista geral de Teerã depois de explosões serem ouvidas na capital iraniana: moradores relataram fortes detonações durante a madrugada

IDF/AFP



Daniel Hagari, porta-voz das IDF: “Israel tem o dever de responder”

Governo de Israel/AFP



Netanyahu monitora a operação, a partir de bunker, em Tel Aviv

Resposta a agressões

O anúncio dos bombardeios foi feito pelo contra-almirante Daniel Hagari, porta-voz das IDF, em vídeo publicado nas redes sociais. “Em resposta a meses de ataques

contínuos do regime no Irã contra o Estado de Israel, neste momento as Forças de Defesa de Israel estão conduzindo ataques precisos em alvos militares no Irã”, afirmou. “O regime no Irã e seus aliados na região têm atacado Israel

incessantemente desde 7 de outubro — em sete frentes —, incluindo ataques diretos a partir do solo iraniano. Assim como qualquer outro país soberano no mundo, o Estado de Israel tem o direito e o dever de responder”, acrescentou.

Hagari assegurou que as capacidades defensivas e ofensivas de Israel estão “totalmente mobilizadas.”

A Casa Branca classificou os ataques israelenses como “um exercício de autodefesa”. “Ataques dirigidos contra alvos

militares são um exercício de defesa própria e em resposta ao ataque do Irã”, afirmou Sean Savett, porta-voz do Conselho de Segurança Nacional. Ele negou que os EUA tenham participado da retaliação israelense.

Um funcionário de defesa dos Estados Unidos admitiu à agência France-Press que o governo Joe Biden foi informado por Israel antes que a retaliação ocorresse. O jornal *The Times of Israel* publicou que o secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, telefonou para Gallant para conversar sobre a ação militar. Biden e a vice-presidente, Kamala Harris, candidata democrata à Casa Branca, receberam atualizações sobre a operação militar de Israel.

Moradora da região noroeste de Teerã, Sara — ela não quis divulgar o sobrenome — contou ao *Correio* que estava deitada quando, pouco depois das 2h (hora local), ouviu explosões “muito fortes”. “Senti como se alguma coisa estivesse atingindo o solo. Os vidros de casa começaram a sacudir. Eu devo ter escutado quatro ou cinco explosões consecutivas em intervalos precisos”, explicou. “Houve um pânico inicial, enquanto as pessoas tentavam se dar conta sobre o que estava ocorrendo. Pouco depois das explosões, pude ouvir o barulho de carros nas ruas e algumas pessoas subiram nos telhados de suas casas para buscar alguma evidência de bombardeios. Acho que o pânico inicial logo diminuiu”, acrescentou.

Em 17 de outubro, o general Hossein Salami, chefe do Corpo de Guardiões da Revolução Islâmica — o exército ideológico do aiatolá Ali Khamenei — advertiu Israel para caso levasse diante a retaliação: “Vamos golpear de novo dolorosamente”.

Alta tensão

A retaliação se soma a um contexto de alta tensão no Oriente Médio, depois de mais de um ano de guerra de Israel contra o Hamas em Gaza, que se estendeu para o Líbano contra o movimento xiita Hezbollah, apoiado pelo Irã. Teerã justificou o ataque ao território israelense como uma resposta aos bombardeios contra o Líbano, que mataram, em setembro, o xeque Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah, e um general da Guarda Revolucionária.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Integração regional na ressaca do Brics

Na ausência do presidente Lula, retido em Brasília após o acidente sofrido no Alvorada, a participação do Brasil na cúpula do Brics, na Rússia, se fez notar principalmente por uma manobra com impacto direto sobre o já complicado processo de integração sul-americana. Operando nos bastidores, o chanceler Mauro Vieira bloqueou a inclusão da Venezuela entre os países a serem convidados para integrar o bloco com o novo status de parceiros — uma espécie de antessala para a condição de membros plenos.

Não chegou a ser feito um

debate público, embora a restrição tenha sido suficientemente declarada pelo ministro e pelo próprio presidente. Na mão inversa, o anfitrião, Vladimir Putin, recebeu com amabilidade explícita o colega venezuelano, Nicolás Maduro. Em entrevista coletiva, Putin não se furtou a dizer, com todas as letras, que discorda de Lula sobre o tema.

A diplomacia profissional encarregou-se de manter a questão, o quanto possível, entre as paredes do salão de convenções de Kazan. Não foi anunciada formalmente a nova ampliação, ao contrário do

que ocorreu no ano passado, na África do Sul, quando cinco membros foram incorporados ao quinteto original. Ainda assim, circulou uma lista de 13 candidatos que devem ser convidados como parceiros, com forte presença asiática, a inclusão da Turquia e dos latino-americanos Cuba e Bolívia.

Batata quente

Por ironia, efetivar a nova ampliação será tarefa do Brasil, que assume em janeiro o comando do bloco. O rodízio na presidência do Brics se faz pela ordem dos países que formam a sigla, e em 2024 ela seria brasileira,

mas o país trocou a vez com a Rússia por ocupar neste ano a chefia do G20.

O veto à Venezuela de Maduro e à Nicarágua de Daniel Ortega, ambos pretendentes a vaga no bloco emergente, teve como argumento a defesa de critérios como o peso potencial do candidato, seja político ou econômico. Particularmente no caso venezuelano, a condição de potência energética torna a posição brasileira no mínimo questionável, tanto mais avaliando as credenciais de alguns dos contemplados.

No pano de fundo, os atritos recentes com os governos de

Caracas e Manágua, que resultaram na expulsão recíproca de embaixadores entre Brasil e Nicarágua. O estranhamento no âmbito do Brics acrescenta dificuldades às encontradas por Lula para relançar iniciativas regionais como a Unasul e a Celac — movimento anunciado como uma das linhas-mestras de política externa para o novo mandato no Planalto.

Meia-distância

Até pela ausência física de Lula, a cúpula de Kazan retratou um Brasil em situação algo contraditória no concerto do Brics. Putin e o colega chinês, Xi Jinping, apostam claramente na expansão do bloco como contrapeso ao chamado Ocidente Coletivo, termo cunhado para englobar os

EUA e seus aliados na Europa e Ásia. Sintomática, por sinal, a recorrência com que o anfitrião incluiu em suas falas expressões similares, como Sul Global e Maioria Global.

Se, por um lado, procura se descolar da retórica e dos movimentos que encaminham o Brics para a polarização, a diplomacia brasileira estará em 2025 na posição central do bloco emergente. Desde já, a agenda esboçada pelo Planalto e pelo Itamaraty prioriza a reforma da ONU e da governança global, além do desenvolvimento sustentável.

Até janeiro, a política brasileira parece ser a de manter uma distância suficiente para ficar ao largo da polarização geopolítica, sem perder contato com a iniciativa que ajudou a lançar em 2006.